

AS FACES DE IFEMELU EM *AMERICANAH* (2013), DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

*IFEMELU'S FACES IN AMERICANAH (2013), BY CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE*

Rafael Francisco Neves de Souza¹
Leoné Astride Barzotto²

Resumo: Ao reconhecer a importância dos estudos pós-coloniais, este artigo propõe uma análise sobre como a personagem Ifemelu, considerada marginalizada no romance *Americanah* (2013), da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, consegue construir sua identidade em uma nação neoimperial (Estados Unidos). É necessário traçar a questão histórica e social do pós-colonialismo e como esses estudos conquistaram seus espaços no âmbito sociocultural atual, além de destacar como o sujeito marginalizado consegue recriar suas raízes mesmo com a opressão neocolonizadora. Será analisada também a possibilidade de uma diáspora individual e o sonho de retorno para o país de origem.

Palavras-chaves: Literatura pós-colonial; Chimamanda Ngozi Adichie; *Americanah*

Abstract: Recognizing the importance of postcolonial studies, this article proposes an analysis of how Ifemelu, considered a marginalized character in the novel *Americanah* (2013) of the Nigerian Chimamanda Ngozi Adichie, can build their identity in an neoimperial nation (United States). It is necessary to trace the historical and social issues of post-colonialism and how these studies won their spaces in the neocolonial context, and highlight, as the subject marginalized can even recreate his/her roots to neocolonial oppression. It will be discussed as well the possibility of an individual diaspora and the recurring dream for the home country.

Keywords: Post colonial literature; Chimamanda Ngozi Adichie; *Americanah*

INTRODUÇÃO

Na perspectiva inicial do texto literário pós-colonial, que cerca os países que sofreram com a ação colonizadora, este artigo irá tratar a forma como o romance da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie – *Americanah* (2013) está inserido na realidade do sujeito que migra para nações de comportamento neoimperial, no caso, Estados

¹ Mestrando do PPGLetras/UFGD – Literatura e Práticas Culturais. Bolsista da FUNDECT – MS. Contato: rafael_new18@hotmail.com

² Pesquisadora Permanente do PPGLetras da UFGD. Literatura e Práticas Culturais. Bolsista CAPES para Pós-Doutoramento na UC Berkeley (2015-16). Contato: leoneastridebarzotto@gmail.com

Unidos e Inglaterra. Este artigo irá seguir apenas a trajetória da personagem Ifemelu, a qual parte para os Estados Unidos. Os problemas que Ifemelu ainda jovem encontra na Nigéria, como as greves intermináveis nas universidades e a falta de oportunidade a estimulam a se mudar para os Estados Unidos, principalmente por ter uma tia que já mora na América.

A mudança da nigeriana não a faz perceber, logo no início, que sua pronúncia do inglês, cultura, posicionamento social e o fato de ser africana irão afetá-la em diversas situações, como por exemplo, a de conseguir um emprego. Ifemelu vai se destacar dentro do espaço do colonizador por sua posição “neutra” com as ofensas, discursos xenofóbicos, raciais e contra sua nação, até começar a responder à denúncia do colonizador através de um blog.

Portanto, este artigo tem como sustentação teórica pesquisadores como Homi Bhabha (2003) e Thomas Bonnici (2009) na teoria literária pós-colonial; já na questão da identidade e diáspora, Stuart Hall (2003); Franz Fanon (2008), na posição do sujeito negro na história da humanidade; e Michelle Perrot (2006) sobre o feminismo e o papel da mulher, dentre outros.

SOBRE O PÓS-COLONIALISMO

Após a Segunda Guerra Mundial, a escrita em língua estrangeira (em especial o inglês e o francês) e os estudos pós-coloniais ganharam mais espaço e uma emergência maior no universo literário e político-social. Com isso, grupos que até então eram considerados como parte de uma sociedade marginalizada começaram, através de uma silenciosa, mas promissora manifestação, denunciar o papel de imposição do colonizador. E foi justamente através de manifestações de arte, não apenas literária, que as atividades de grupos colonizados ganharam mais força e se tornaram influentes.

O conceito de pós-colonialismo pode ser identificado como um processo histórico que tem como base uma contraposição ao colonialismo. Portanto, ele tenta lutar contra as imposições que o colonialismo prega como uma “forma civilizatória” para nações consideradas marginalizadas.

O que é em princípio a colonização? Reconhecer que ela não é evangelização, nem empreitada filantrópica, nem vontade de fazer retroceder as fronteiras da *ignorância, da enfermidade, da tirania, nem a expansão de Deus, nem a* extensão do direito; admitir de uma vez por todas, sem titubear, por receio das consequências, que na colonização o gesto decisivo é o do aventureiro e o do pirata, o do mercador e do armador, do caçador de ouro e do comerciante, o do apetite e da força, com a maléfica sombra projetada por trás por uma forma de civilização que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente, a estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial (CÉSAIRE, 2010, p.17 *apud* PEZZODIPANI, 2003, p. 88; [grifo do autor].

Os danos causados pela imposição do colonialismo vão muito além da necessidade das grandes conquistas desses países já desenvolvidos; a pura exploração está justamente na ideia inferior que o colonizador tem do outro. No livro *Interfaces Culturais: The Ventriloquist's tale & Macunaíma*, Leoné Astride Barzotto (2011, p. 38), destaca uma das várias imposições dentro da ação imperial no colonialismo: “(...) o europeu se apodera do que lhe convém para suprir as necessidades da metrópole, enfraquecendo e devastando cada vez mais o espaço pós-colonial e os indivíduos que fazem parte dele”.

As justificativas para a exploração eram principalmente voltadas para a economia (as riquezas naturais como ouro e diamante existentes nesses países e recursos naturais de modo geral), mão de obra (a escravização dos povos), ideologia/cultura (as imposições religiosas), a promessa de uma vida melhor e a questão do homem branco *versus* negro (preconceito racial). O termo pós-colonial deve ser elencado da seguinte forma; segundo Ashcroft [et al] (1989, p. 2): “We use the term ‘postcolonial’, however, to cover all the culture affected by the imperial process from the moment of colonization to the present day³”

Bhabha (2003, p. 239) afirma que “A crítica pós-colonial é testemunha das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno”. A literatura pós-colonial é uma grande ferramenta na denúncia e ação contra ações colonizadoras nesse contexto. Geralmente, o colonizado se apropria da língua falada pela metrópole para que não fique restrita apenas dentro do seu espaço, mas sim, para romper as barreiras existentes até que chegue ao colonizador. “Portanto, a literatura pós-colonial precisa ser analisada no contexto da cultura vivida na região afetada pela colonização europeia, já que ela é um dos componentes integrais dessa mesma cultura” (BONNICI, 2009, p.55). Neste sentido, esses processos teóricos que viabilizam uma análise dos sistemas de controle e de manipulação global citados podem ser estudados e constatados em *Americanah* (2013).

SOBRE A AUTORA

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu na Nigéria em 1977, em Abba. Mesmo jovem, Chimamanda já é considerada entre muitos como uma das grandes escritoras nigerianas que escrevem sobre os problemas que afetam o país, dentre eles o racismo. Além de ser vista como atuante feminista, tem a literatura como instrumento de denúncia. A personagem Ifemelu, na obra *Americanah*, tem certa semelhança com Adichie, como por exemplo o fato de terem pais que são professores universitários e ambas deixarem a Nigéria para migrar temporariamente para os Estados Unidos. Chimamanda formou-se em Escrita Criativa na Universidade Johns Hopkins de Baltimore e tem mestrado em Estudos Africanos pela Universidade de Yale. Hoje, a autora divide seu tempo

³ “Nós usamos o termo ‘pós-colonial’, no entanto, para cobrir todas as culturas afetadas pelos processos imperiais desde o momento da colonização até os dias atuais”. (Tradução nossa)

entre a Nigéria e os Estados Unidos, ensinando Escrita Criativa para quem deseja se tornar um escritor.

AS TEIAS DO ROMANCE

O romance é narrado em terceira pessoa, com narrador onisciente. Os espaços principais na obra são a Nigéria, Estados Unidos e Inglaterra. Em *Americanah*, as personagens híbridas Ifemelu e Obinze⁴ partem de uma geração de nigerianos que migram para os Estados Unidos (Ifemelu) e Inglaterra (Obinze), onde tentam construir uma vida nova. Há que salientar que tanto Ifemelu quanto Obinze são indivíduos que, ao perceber as condições sócio-políticas que afetam a Nigéria e o sistema educacional do país em declínio, decidem buscar uma vida melhor em outros países, por achar que esta seria a melhor opção.

Ifemelu, por ser mulher, negra, africana, imigrante e nigeriana é estereotipada e subjugada durante vários momentos da narrativa como empregada doméstica, prostituta, entres outras profissões que são consideradas como inferiores pelos norte-americanos. Existe uma imposição para que ela não use o sotaque do inglês nigeriano, mas tente de todas as formas falar de acordo com a pronúncia americana, posto que o inglês nigeriano é extremamente marcado pelos aspectos culturais da Nigéria, sendo uma língua altamente hibridizada, devido ao alto número de distintas etnias naquele país. “*Americanah!*”, brincava Ranyinudo sempre. “Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma *americanah* de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações!” (NGOZI, 2013, p.417)

Quando ocorre todo o processo de imposição do colonizador sobre o colonizado, este sofre com a perda de identidade, sendo altamente moldado de acordo com as posições ideológicas daquele. No romance, personagens oriundas de nações que sofreram pela ação exploradora do colonialismo (Nigéria, Brasil, México, etc.) substituem toda a identidade nacional para adaptar-se dentro da margem colonial, como explica Barzotto:

Com a desculturação desse indivíduo há, paralelamente, a sua aculturação, pois ele perde a própria identidade para adquirir a do ‘Outro’ (colonizador) e, assim, colabora para o fortalecimento do regime imperial, incorporando o papel de ‘outro’ (colonizado). (BARZOTTO, 2011, p.36).

Americanah não mantém um tempo cronológico, começa quinze anos depois que Ifemelu deixa a Nigéria e se encontra em um salão de beleza para escolher um penteado e voltar à sua terra natal. No momento em que ela é atendida, o narrador mergulha nas

⁴ Obinze é o melhor amigo de Ifemelu no romance e por quem ela se apaixona no decorrer da narrativa. Embora ele tenha uma contribuição importante na história, esse artigo não tem a intenção de analisar a trajetória dele.

memórias⁵ de Ifemelu, levando o leitor à infância da personagem. Importante destacar que Ifemelu não vai a um salão especializado em cabelos de pessoas brancas, mas sim a um especializado em tranças africanas. Ela descreve o ambiente da seguinte forma:

Ficavam na parte da cidade onde havia muros pichados, prédios cujo interior era escuro e úmido e onde não se via nem uma pessoa branca; tinham letreiros coloridos com nomes como Salão Especializado em Tranças Africanas Aisha ou Fatima, tinha aquecedores que faziam a temperatura subir demais no inverno e aparelhos de ar condicionado que não esfriavam o ar no verão, e estavam repletos de funcionárias francófonas da África Ocidental, sendo que uma delas seria a proprietária, aquela que falava inglês melhor, atendia o telefone e era respeitada pelas outras (ADICHIE, 2013, p.16).

Através da citação acima nota-se o contexto em que os imigrantes dos Estados Unidos se aglomeram num senso comunitário, neste caso, os indivíduos negros e migrantes. A situação marginalizadora é verossímil com as situações fora do universo literário apresentado na obra, sendo assim, *Americanah* se enquadra em um romance de denúncia, um romance pós-colonial. Como afirma Ashcroft *et al* (1991 *apud* BONNICI 2009, p. 35), “a literatura pós-colonial é resultado da experiência de colonização baseada na tensão com o poder colonizador”.

Assim que Ifemelu começa a ter o cabelo trançado, lembra-se de quando era criança e de como era viver em seu país. Lembra-se também de quando sua mãe, após ser convertida para o cristianismo, cortou todo o cabelo em busca de uma redenção divina. Ifemelu cresceu à sombra do cabelo da mãe, sempre se questionando o porquê de ela ter tomado essa decisão, já que para a garota, sua mãe tinha o cabelo mais bonito do mundo. “Era preto retinho, tão grosso que sugava dois frascos de relaxante no salão, tão cheio que tinha de passar duas horas sob o secador e, quando finalmente era libertado dos bobes rosas, saltava, livre e vasto, cascadeando pelas costas como uma celebração” (ADICHIE, 2013, p. 49).

A relação do cabelo na obra é uma questão muito forte, pois retoma a identidade de uma pessoa negra que, durante toda a construção histórica, tem seu cabelo como marca, principalmente quando se refere ao racismo. No livro *Minha história das mulheres* (2006), a francesa Michelle Perrot destaca um ponto importante sobre a mulher, pois o cabelo está ligado à identidade do indivíduo. Perrot aponta a autovalorização da beleza da mulher como uma necessidade que precisa ser mantida para elas serem aceitas socialmente, já que o atributo de participar de grupos intelectuais/sociais é apenas para homens. Para Perrot essa valorização da beleza feminina vem da cultura judaico-cristã. A mulher deve sempre manter uma boa aparência e os cabelos sempre longos (porque representam a sedução). A autora ainda afirma, com ironia: “Seja bela e cale-se” (PERROT, 2006, p.50).

⁵ A memória está, desta forma, intimamente ligada à identidade e ambas se consolidam em grupo; sem elas, seria impossível delinear o que entendemos por comunidade e, por extensão, por nação. Logo, a memória não é exclusivamente individual, mas sim coletiva porque os acontecimentos e as lembranças dificilmente pertencem a um único indivíduo; mesmo que íntima, a memória é estimulada pelo grupo (HALBWACHS, 2006).

E quando se refere ao cabelo: “O pelo está duplamente colado ao íntimo, por sua penetração interna, por sua proximidade com o sexo. Suas raízes penetram no corpo, ‘Eu-pele’, [...]. O pelo recobre o sexo” (Idem, p.51). Existe a dominação do homem sobre a mulher em relação ao cabelo, como se o cabelo dela pertencesse a ele, assim como a virgindade. O cabelo da mulher que vai dizer sobre ela, se está despenteado representa a animalidade feminina, como se definisse uma identidade, dissesse quem realmente é através do modo como o penteia.

Embora exista a dominação do homem com a mulher durante a história da humanidade, como cita Perrot (principalmente quando se fala do cabelo), Ifemelu não se encaixa nos padrões de uma mulher feminina e frágil. Durante o romance, tanto ela quanto Obinze fazem uma inversão quando se comparam aos costumes de uma sociedade patriarcal. Obinze é frágil, emotivo e não é tão forte emocionalmente como Ifemelu, que é uma mulher esperta e independente, tendo muitas vezes uma personalidade completamente oposta à dele.

De que forma as construções das identidades dessas personagens podem sofrer essa mudança no posicionamento social? Isso se deve pelo novo fluxo causado no pós-modernismo, onde um sujeito não mantém mais sua identidade única e sólida. Assim, a análise dessas questões se estende para os estudos de Stuart Hall (2000).

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO PÓS-COLONIAL E SUA IDENTIDADE

Ao perceber a necessidade de se falar sobre o sujeito que sofre com a neocolonização, mas que tenta quebrar barreiras e impor sua ideologia, nota-se que esse mesmo sujeito (neo)colonizado pode ser/é o sujeito pós-moderno, ou uma ramificação deste, que tenta afirmar a todo o momento sua identidade na sociedade, que denuncia a segregação e a marginalização de determinados grupos sociais. Portanto, torna-se necessário destacar esse ponto para melhor entender as atitudes, obstáculos e luta social apresentados por Ifemelu em *Americanah*.

Quando se fala em sujeito, é primordial ter em mente que o sujeito de agora não se constrói da mesma forma que antes, ou seja, diversos fatores influenciaram na forma com que o homem/mulher constitui o mundo e, conseqüentemente, na forma com que ele se constitui no mundo. A respeito desse novo sujeito, Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (2002), defende a ideia de que foram os avanços científicos e tecnológicos trazidos pela modernidade que influenciaram diretamente essas mudanças radicais na maneira de se viver no mundo e de enxergá-lo. A globalização e os avanços industriais, políticos, econômicos e tecnológicos mudaram de forma significativa as relações humanas, tendo em vista que a informação se tornou muito mais acessível e rápida. Michele Reis (2004) destaca que o fluxo de informações tecnológicas que nos são oferecidos hoje em dia pode alterar, até mesmo, a maneira

como a diáspora pode ocorrer na sociedade pós-moderna:

The fact that 'globalization has been occurring through computer networks, telephony, electronic mass media, and the like', permits persons in the diaspora 'to have nearly immediate contact with each other, irrespective of their location on earth and regardless of the state borders that might lie between them' (Baylis and Smith, 1997). Appadurai (1996) pays attention to the role of the media in the globalization process: 'globalization has shrunk the distances between elites, shifted key relations between producers and consumers, broken many links between labour and family life, obscured the lines between temporary locales and imaginary notional attachments'⁶ (REIS, 2004, p.48).

Com isso, o ritmo em que as coisas se movimentam foi se acelerando, e tudo isso contribui com a instabilidade dos meios social e cultural modernos. Hall ainda atenta para outro fator: a desconstrução das identidades que regiam o mundo. Todas as bases sólidas nas quais o sujeito moderno se apoiava entraram em decadência por conta de mudanças históricas, sociais e culturais, deixando o sujeito deslocado de seu lugar no mundo e de si próprio. Ou seja, esse sujeito pós-moderno sofre com a "perda do sentido de si" e com a crise de identidade.

Até a modernidade, os conceitos são, em geral, muito fechados e irrefutáveis, sendo comum a prevalência de dicotomias que norteiam o comportamento humano, como por exemplo, bem *vs* mal, céu *vs* inferno, homem *vs* mulher, etc. Já o indivíduo pós-moderno constitui-se sem uma identidade fixa e, conforme o momento, ele assume diferentes "identidades, algumas vezes contraditórias, ou não resolvidas" (HALL, 2000, p. 13). Sucintamente, isso quer dizer que o sujeito não se prende mais a essas dicotomias para se estabelecer no mundo.

Homi Bhabha traz, em *O local da Cultura* (2003), o conceito de *entre-lugar* e situa esse sujeito descentralizado justamente nos "processos que são produzidos na articulação de diferenças sociais" (p. 19), ou seja, um espaço entre os extremos da subjetividade, a intersecção entre um ponto e outro, desconstruindo os limites de classe, gênero, cultura, etc. até então estabelecidos. Pensando assim, o sujeito se assume, então, como híbrido: ao mesmo tempo que pode se identificar como mulher, Ifemelu se identifica como negra, heterossexual/homossexual e colonizada, por exemplo, ainda mais porque a pós-modernidade coloca em evidência essas identidades emergentes do sujeito não centralizado e dá espaço para novas manifestações sociais como o feminismo, a luta negra, movimentos nacionalistas, ecologistas, etc.

A identificação com a nacionalidade e a cultura sempre foi um dos aspectos mais fortes na constituição das identidades. De fato, a busca pela identidade nacional e, muitas vezes, pela "pureza étnica e cultural" foi, e mesmo ainda hoje é, uma realidade

⁶ O fato de que "a globalização vem ocorrendo por meio de redes de computadores, telefonia, comunicação de massa eletrônicas, e similares", permite que pessoas na diáspora 'tenham contato quase que imediato com o outro, independentemente da sua localização no globo e independentemente das fronteiras do Estado que pode situar-se entre eles' (Baylis e Smith, 1997). Appadurai (1996) presta atenção ao papel da mídia no processo de globalização: "a globalização diminuiu as distâncias entre as elites, mudou as relações fundamentais entre produtores e consumidores, rompeu muitas ligações entre o trabalho e a vida familiar, obscureceu as linhas entre localidades temporárias e anexos nocionais imaginários. (Tradução nossa)

entre diversos países que buscam a homogeneização da cultura e acabam ignorando os efeitos negativos que isso causa sobre povos de diferentes origens e culturas que habitam o mesmo local.

A partir dessas conclusões, percebe-se que Ifemelu se constitui nesse espaço novo, no *entre-lugar*, nas novas ramificações criadas pelo fluxo de afirmar a verdadeira identidade. Um exemplo claro é quando se refere à língua materna. A jovem nigeriana está ciente de como é importante manter a todo o momento sua identidade africana, sem causar o apagamento de suas origens quando se muda para os Estados Unidos. O primeiro passo para isso é não esquecer o inglês nigeriano, a sua pronúncia, “o seu falar de casa”, pois assim que chega à América, ela sente que naquele lugar novo e estranho vai ser preciso, antes de mais nada, manter algo que lembre as suas origens, sem que ela se perca.

No sistema educacional imperial o controle da língua preconizou a versão *standard* da língua metropolitanas marginalizando as outras “variantes” e caracterizando-as como impuras (o inglês falado na Índia, em Taiwan, na África, no Caribe; o inglês pidgin) (BONNICI, 2009, p.35).

Todavia, a primeira imposição que Ifemelu encontra ao chegar à América não é apenas a sua cor e origem, mas também a língua, pois mesmo que saiba falar inglês, o nigeriano não pode expressar as marcas linguísticas que aprendeu no seu país. Mesmo ao perceber a repressão sociolinguística, a nigeriana resiste de muitas formas para que não se esqueça de sua língua e a mantenha como uma forma de lembrança nacional. Sobre este ponto, Barzotto (2011, p. 38) aponta: “Evidencia-se essa inversão explicitamente na troca de idiomas, pois os europeus obrigam os sujeitos colonizados a falarem língua do colonizador, apagando séculos de vida e de história, muitas vezes renomeando pessoas, lugares e costumes.”

É necessário um apagamento das idiossincrasias linguísticas do (neo)colonizado para falar do jeito do “outro”, o (neo)colonizador. Quando Ifemelu busca a documentação necessária para estudar na universidade americana de Baltimore, ela sofre a imposição do indivíduo criado no, assim denominado, primeiro mundo.

(...) e Ifemelu entendeu que a menina estava falando desse jeito por causa *dela*, de seu sotaque, e durante um instante sentiu-se como uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando. “Eu falo inglês”, disse Ifemelu. “Aposto que fala”, disse Cristina Tomas. “Só não sei se fala *bem*.” (...) Falava inglês desde pequena, fora capitã de equipe no ensino médio e sempre achara a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar; não deveria ter se acovardado e encolhido, mas o fez. E, nas semanas seguintes, conforme o frio do outono ia seguindo, começou a treinar um sotaque americano (ADICHIE, 2013, p.147) [grifos do autor].

A partir disso, Ifemelu começa a sentir o peso de sua origem nigeriana, não consegue se encontrar em nenhum espaço, com o pensamento sempre no país de origem e na busca de respostas para solucionar os problemas, que agora se estendem

pela falta de dinheiro, porque mesmo com alguns amigos que também se mudaram para os Estados Unidos, ela sente que em meio a tamanho choque cultural e o “sonho americano”, está de fato sozinha. Esse sentimento de não pertencimento ao lugar que está, pode ser uma das consequências da diáspora. Muito embora esse fenômeno venha sempre em ondas ou grupos de pessoas, Ifemelu de certa forma se enquadra nessa ação.

FLUXOS MIGRATÓRIOS E CULTURAS CAMBIANTES

Quando se fala em diáspora no contexto pós-colonial, é importante notar que esse fenômeno também acarreta uma ação futura ao tornar quem a sofre híbrido, ou seja, existe a contribuição involuntária na troca de cultura entre colonizador e colonizado, pois “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2003, p.27).

[...] para a teoria pós-colonial o termo híbrido, também como hibridação/hibridização ou hibridismo apresentam uma miríade de significados que se correspondem, advindos de muitos críticos diferentes, mas que geralmente não se contradizem; apenas se somam para observar e buscar entender essa realidade cultural múltipla, miscigenada, multifacetada que forma a grande maioria das nações pós-modernas, principalmente aquelas advindas da experiência colonial (BARZOTTO, 2011, p. 48).

O que impulsiona a diáspora é uma série de problemas ou uma busca de esperança que não se encontra mais, em tese, na terra-mãe: “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2003, p.28). Neste sentido, as justificativas de mudança para Ifemelu estavam nas universidades que se encontravam em greves constantes. Conforme promulga Reis (2004, p. 46) “Diaspora is largely a phenomenon created either when ethnic groups ‘migrate of their own free will, leaving to study, work, or join their family abroad’ [Kasasa, 2001: 29], and as such, need not arise not as a result of crisis or traumatic event”⁷. Como destaca esta mesma autora, a diáspora pode ser entendida como uma ação de busca por um recomeço, como no caso de Ifemelu, que esperava concluir seu curso e proporcionar, assim, uma vida melhor para ela e sua família.

Importante elencar que esse ‘retorno redentor’ citado por Stuart Hall é mencionado pelo narrador, logo no início do romance, enquanto Ifemelu espera para ser atendida no salão, e justifica que arrumar o cabelo seria uma ação que impulsionaria sua volta para casa. “A Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra” (ADICHIE, 2013, p.13).

⁷ Diáspora é em grande parte um fenômeno criado quando grupos étnicos “migram de sua livre e espontânea vontade, saindo para estudar, trabalhar, ou se juntar a sua família no exterior” [Kasasa, 2001: 29], e como tal, não precisa surgir não como resultado de crise ou evento traumático. (Tradução nossa)

O termo ‘diáspora’ ou ‘dispersão’ tem raiz etimológica no grego antigo (do verbo *diasperein*) e é frequentemente associado à dispersão dos judeus no curso dos séculos. Significa, basicamente, a dispersão de pessoas de suas terras aos pontos mais longínquos do planeta. Contudo, este conceito assimilou-se aos Estudos Culturais e foi amplamente incorporado às discussões Pós-Coloniais, a partir do século XX, para considerar o deslocamento das pessoas por causas voluntárias ou não. O uso do termo diáspora acarreta, comumente, uma conotação de migração involuntária, causada pela fome, perseguição, prostituição, violência, opressão, fanatismo, expulsão, conflitos políticos, guerras, exílio, sobrevivência e tantas outras causas. É, assim, uma forma de migração que é acompanhada, geralmente, de alguma crise propulsora no lugar de origem, mas não necessariamente, como apontam estudos de Brah (2005). As Américas, na sua concepção de ‘novo mundo’, nascem e se constituem por séculos de movimentos diaspóricos. Nada mais natural, então, os sujeitos e os intelectuais diaspóricos almejarem reivindicar a natureza de seus pertencimentos, após a consciência da diáspora em um continente ‘inventado’. Contudo, “Mais que inventadas, nações são ‘imaginadas’, no sentido de que fazem sentido para a ‘alma’ e constituem objetos de desejos e projeções”; conforme promulga Lilia Schwarcz (10) na apresentação de *Comunidades Imaginadas*, de Benedict Anderson (2008). Logo, pensar na experiência da diáspora é pensar em terra de origem e, conseqüentemente, refletir acerca de pertencimento. Neste contexto, a discussão da diáspora se liga intimamente a do hibridismo, já que a sensação do deslocamento remete ao status de consciência de ‘não estar em casa’, sobretudo pelo estranhamento que o novo ambiente proporciona, ou pelo ímpeto/necessidade de fixar-se neste outro lugar ou, ainda, pelo desejo do retorno redentor. “As culturas, é claro, têm seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam” (HALL).

Historicamente pensando o tema da dispersão, do deslocamento ou todas as outras formas possíveis de se nomear a mudança de sujeitos de um lado ao outro do planeta, Michele Reis (2004) categoriza três tipos e períodos da diáspora: i) a clássica: marcada pela diáspora antiga com a dispersão dos Judeus no exílio babilônico; ii) a moderna: marcada pela escravidão e pela colonização no/do mundo e iii) a contemporânea: marcada pela dinâmica da globalização a partir da Segunda Guerra Mundial. Logo, todos os movimentos migratórios mais atuais, sobretudo os imbuídos pela força da globalização e das facilidades tecnológicas de comunicação, são enquadrados neste terceiro momento de diáspora, a partir de 1945, ou seja, o período contemporâneo da diáspora, pois ele engloba os movimentos migratórios mais acentuados da História. Por vezes, este movimento é denominado de ‘a nova’ diáspora, o que não parece muito pertinente, uma vez que sempre haverá outras e infinitas diásporas. O que é salutar enaltecer é o fato que a diáspora contemporânea é sinônimo de migração internacional e a mesma cresceu sem precedentes no curso da Humanidade a partir dos anos 80, do século XX. Os deslocamentos atuais são mais complexos, diversos e globais que os deslocamentos dos períodos anteriores; e isso ocorre justamente pelo impacto da globalização, das facilidades tecnológicas nos quesitos de comunicação e de negociação e pelo caráter

transnacional destas mobilidades porque a globalização somada à tecnologia faz com que certas fronteiras se diluam ao passo que outras são fortalecidas, mas o intercâmbio entre nações-estado é facilmente agilizado uma vez desejado. Além disso, a independência de muitos países outrora colonizados, o término de regimes ditatoriais e a própria perspectiva fragmentada da sociedade pós-moderna viabilizam a diáspora contemporânea e o transnacionalismo. Assim, os movimentos diaspóricos contemporâneos se ligam às crises dos estados-nações ou às mudanças efetivas nestes mesmos espaços.

One of the major flaws of diaspora theory is the reliance on the Jewish case as the illustration par excellence of who or what is a diaspora, regardless of time and space. Perhaps the task of defining diaspora would be far less problematic if the Jewish Diaspora ceased to be used as the norm for determining which groups are relegated to a minority, transnational community, diaspora, or other grouping⁸ (REIS, 2004, p. 44).

Hall ainda destaca em *Da Diáspora: identidade e mediações culturais* (2003), que os caribenhos acreditavam em uma ação diaspórica mais significativa, que seria a do Velho Testamento, na Bíblia: “[...] o povo escolhido, violentamente levado à escravidão no Egito [...]” (p.28). Ainda, seguindo as ideias de Hall, essa metáfora bíblica tornou-se um discurso libertador para negros do Novo Mundo. “Muitos crêem que essa narrativa do Velho Testamento seja muito mais potente para o imaginário popular dos povos negros do Novo Mundo do que a assim chamada estória Natal” (p. 29).

Em *Americanah*, o discurso de volta para casa não é proferido apenas por Ifemelu, mas por algumas personagens que ela encontra durante o romance, mas por não terem alcançado seu objetivo financeiro para voltar ao seu país de origem, decidem continuar em busca de uma vida melhor. Ao perceber isso, muitas personagens sentem que é justamente a saudade de casa, do seu país de origem, que vai ajudar a reafirmar quem realmente são, revestindo-se no seu patriotismo.

O indivíduo migrante percebe sua cultura, língua e tradições mais fortemente a partir do momento que as deixa para trás. Confiando na memória individual e coletiva, visa carregar todo o seu complexo cultural dentro do baú imaginário que carrega para perpetuar seus costumes com as futuras gerações (BARZOTTO, 2011, p. 57).

Existem aqueles também que negam sua origem, não se apresentam como nigerianos ou qualquer outra nacionalidade. Esse apagamento geral da identidade nacional está ligado à vergonha da condição em que se encontra seu país, ignorando que sua nação se encontra muitas vezes em processo da ação colonizadora exterior, ironicamente, algumas vezes, em processo de exploração externa justamente por aqueles países aos quais admiram ou idolatram.

Sobre Ifemelu, como já foi destacado no decorrer deste artigo, ela luta para não se esquecer de onde vem, resiste à massa opressora que se homogeneizou na cultura do

⁸ Uma das principais falhas da teoria da diáspora é a dependência em relação ao caso judaico como a excelência ilustração de quem ou o que é uma diáspora, independentemente de tempo e espaço. Talvez a tarefa de definir diáspora seria muito menos problemática se a diáspora judaica deixasse de ser utilizada como norma para determinar quais grupos são relegados a uma minoria, comunidade transnacional, diáspora, ou outro agrupamento. (Tradução nossa)

país hospedeiro. Mesmo quando força o sotaque do inglês norte-americano, Ifemelu não se permite esquecer sua língua materna, dos valores passados pelos pais e da rica cultura nigeriana, mas aculturar-se é forma inteligente de sobrevivência. Neste caso em questão, aculturar deve ser compreendido em uma certa lacuna discursiva, pois vem ao encontro do que Bhabha denomina de ‘civilidade dissimulada’, ou seja, uma pretensa e falsa aculturação que serve tão somente ao propósito de adaptação e sobrevivência. Não obstante, esse sentimento de ser fiel à sua nação é uma resposta da diáspora “individual” da jovem nigeriana:

Trata-se, é claro, de uma concepção fechada de “tribo”, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, *cujo teste é o de sua fidelidade às origens (...)* (HALL, 2003, p. 29, grifo nosso).

O NEGAR DA ORIGEM

No romance, a única referência sólida que Ifemelu encontra de “casa” é a sua tia Uju, que se enquadra no tipo de sujeito colonizado que não aceita a sua origem e que busca sempre o seu apagamento nacional: “Ela evitava tomar sol e usava cremes que vinham em frascos elegantes para que sua pele, naturalmente clara, ficasse ainda mais clara, mais luminosa e ganhasse uma camada de brilho” (ADICHIE, 2013, p.83).

Esse comportamento da tia Uju vai se estender por praticamente todo o romance, ao negar-se e afirmar-se como africana. [...] sujeitos que não se aceitam enquanto tal e ‘vestem’ a máscara do colonizador para ter a aceitação dele, para pertencer ao centro e não à margem, para incorporar a sistema colonial e desfrutar, porventura, dos benefícios dessa ‘aliança’ (BARZOTTO, 2011, p.25).

Mesmo na espera de um mundo de riquezas de sonhos idealizados que acreditava na América, ela não o faz/consegue. A repressão que a personagem encontra ao chegar aos Estados Unidos é maior do que a que ela causa a si mesma. Em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), Franz Fanon explica que, devido à colonização e ao sofrimento causado ao negro durante a construção histórica da humanidade, é comum que esse indivíduo tenha medo de se aceitar: “O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p.27).

Mesmo quando tia Uju sofre a ação da diáspora “individual”, ela se nega a sentir saudade, a nostalgia da vida que tinha, porque a personagem transparece que assumir a sua identidade é também “(...) assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33). No que diz respeito à sua língua materna, tia Uju carrega ainda o mesmo sentimento de esquecimento, porque ao ir embora da Nigéria Uju deixa o país grávida de um nigeriano, mas conforme seu filho vai crescendo na América, ela não compartilha a história da Nigéria com o menino, sendo questionada

muitas vezes por Ifemelu.

“Dike, ponha isso lá de volta”, disse tia Uju, com o sotaque anasalado e escorregadio que usava quando falava com americanos brancos, na presença de americanos brancos, ou onde pudesse ser ouvida por americanos brancos. Junto com o sotaque, surgiu uma nova personalidade, de alguém que pedia desculpas, rebaixava-se (ADICHIE, 2013, p.120).

Sobre isso Fanon explica: “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro” (FANON, 2008, p. 33). Nesta mesma linha de pensamento, Fanon complementa dizendo que esse comportamento específico que tia Uju teve “[...] é uma consequência direta da aventura colonial” (FANON, 2008, p. 33). Tentar se aproximar do colonizador é uma das formas (se não a mais lógica) de se camuflar dentro do espaço do outro, é uma necessidade de aproximação e sobrevivência.

Por fim, os anos se passam, Ifemelu constrói sua vida, sem nunca se esquecer de onde veio. Cria um blog para denunciar questões raciais e xenofóbicas: “Aquilo teria dado um bom post para o blog. ‘Um caso peculiar de uma negra não americana, ou como as pressões da vida de imigrante podem deixar você maluco’” (ADICHIE, 2013, p. 25). A personagem alcança uma vida financeira estável para voltar à Nigéria, reencontrar seus pais, amigos e Obinze. Ifemelu se multiplicou em faces, pessoas e personalidades durante quinze anos para sobreviver da forma que achou necessário, sem nunca se esquecer quem realmente é e o lugar ao qual pertence.

A teoria pós-colonial poderia definir essa ação de Ifemelu, no romance *Americanah*, com o seguinte termo - ‘agência’, o qual, segundo Thomas Bonnici, é:

A agência é a capacidade de agir de modo autônomo, determinado pela construção da identidade. Na teoria pós-colonial, agência, intimamente ligada à subjetividade, é a capacidade do sujeito pós-colonial reagir contra o poder hierárquico do colonizador. Como a subjetividade é construída pela ideologia, pela linguagem e pelo discurso, a agência deve ser uma consequência de, pelo menos um desses fatores. Embora a colonização tenha influenciado sobremaneira o sujeito e tornado difícil escapar de suas limitações, a agência do sujeito pós-colonial é possível, como as lutas pró-independência e a literatura pós-colonial atestam (BONNICI, 2009, p.13).

Portanto, ser agente é ser protagonista de sua própria vida, assumir o controle de sua própria história, mesmo que em contextos de desvantagens e constante opressão. A personagem Ifemelu, uma espécie de alter ego da escritora nigeriana, traz esta emblemática perspectiva ao romance acima analisado e, de forma representativa, expressa metonimicamente outras mulheres africanas, não somente as nigerianas, as quais vivem em situação de migrância mundo afora e devem, dia após dia, adaptar-se para, simplesmente, sobreviver. No entanto, adaptar não é sinônimo de apagar e, neste contexto, é algo muito maior que isso, é ter a consciência de que não se pode medir

esforços para sobreviver e, com isso, garantir a manutenção de uma linhagem, de uma cultura e de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Americanah pode ser analisado sob várias perspectivas teóricas: na literatura, sociologia, antropologia, política etc. O romance, de forma geral, trata de uma história com teor político ao trazer questões de gênero, a opressão do colonizado, a autovalorização do colonizador, poder, questões de identidade e a luta constante do não esquecimento das verdadeiras origens. Ifemelu não se deixa apagar, avança da forma que pôde, conquista para ela e o seu país um pouco do que lhes foi tomado na colonização. Com isso, a literatura pós-colonial se apodera de uma denúncia esperançosa que indaga, em muitos casos como da Ifemelu, o seu posicionamento dentro da margem social, sobretudo em um país de perfil imperialista, mas que a recebe como sujeito migrante, e investiga as consequências disso tudo a partir das premissas socioculturais contemporâneas.

O novo discurso presente nessa escrita pós-colonial visa recolocar o indivíduo dentro de outro local que não seja o alheio, porém dele próprio, ou seja, visa (re) posicioná-lo no que de fato é seu, reconhecer o próprio espaço, fazer uso de e, *mutatis mutandis*, aceitá-lo como seu para desvencilhar-se das amarras persuasivas e despertar como sujeito/agente de sua história ou, pelo menos, criticar e questionar a validade da imposição (neo) colonial (BARZOTTO, 2011, p. 28).

A personagem principal percebe, logo no final do romance, que sua denúncia no blog ajuda centenas de imigrantes legais e ilegais que chegam aos Estados Unidos sem conseguir apoio para continuar na luta pelo seu ideal. Mesmo o blog não sendo um tópico principal nesse artigo, faz-se necessário observar que, tanto o romance *per se* quanto o blog narrado no romance são “Por essa perspectiva, a escrita literária (*que*) se torna fiel combatente do esquecimento (individual, coletivo, social, cultural)” (BARZOTTO, 2013, acréscimo nosso).

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. *Americanah*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ANDERSON, B. *Comunidades Imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do

nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASHCROFT, B. [et al]. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post Colonial Literatures*. London: Routledge, 1991.

BARZOTTO, L. A. *Interfaces culturais: The ventriloquist's tale & Macunaíma*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana L.L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. *A iminência das poéticas*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ym2dPYqIvmA>> Acesso 10 fev. 2016.

BONNICI, T. *Resistência e Interpretação nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Editora UEM, 2009.

_____. *O pós-colonialismo e a literatura estratégias de leitura*. Maringá: Editora ADUEM, 2012.

_____. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

BRAH, A. *Cartographies of Diaspora. Contesting identities*. Taylor & Francis e-Library, 2005.

COUTINHO, E. F. *Literatura Comparada na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Brasília: Rep. UNESCO no Brasil, 2003.

PERROT, M. *Minhas histórias das mulheres*. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

PEZZODIPANE, R. V. Pós-Colonial: a ruptura com a história única. *Simbiótica*, UFES, v. ún., n.3. jun. 2013.

REIS, M. Theorizing Diaspora: Perspectives on 'Classical' and 'Contemporary' Diaspora. In: *International Migration*. Oxford (UK) and Malden (USA): Blackwell Publishing, 42.2, 2004, p. 41-60.